

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT04.016

A ATIVIDADE ORIENTADORA DE ENSINO COMO MEDIADORA ONTO-REFLEXIVA DA FORMAÇÃO HUMANA

José Adersino Alves de Moura¹
Neuton Alves de Araújo²

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a perspectiva onto-reflexiva da mediação da AOE, no âmbito da formação humana, que imerge na realidade para potencializar transformações, luz dos fundamentos do Materialismo Histórico-Dialético, Teoria Histórico-Cultural e Teoria da Atividade. Partimos do entendimento de que a mediação da atividade pedagógica não se limita à operacionalização de métodos ou técnicas de ensino, mas constitui uma forma de atividade objetivamente inserida no processo de formação do humano genérico. Desse modo, o estudo de natureza bibliográfica permitiu analisarmos como AOE objetiva -se na unidade dialética entre ensino e aprendizagem, sendo condição para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, sobretudo da formação de conceitos teórico-científicos. Como resultado, se confirma que AOE, quando compreendida como mediadora onto-reflexiva, além de estruturar a atividade pedagógica para constituição do humano genérico, articula dialeticamente o ensino e a aprendizagem para operar transformação dos motivos, formação da consciência crítica e

1 Doutorando em Educação pelo Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal do Piauí -UFPI, admoura.moura@gmail.com.

2 Doutor em Educação pelo curso Doutorado em educação da faculdade de Educação da Universidade de São Paulo -FEUSP, doutor.neuton@ufpi.edu.br.

historicidade dos sujeitos, elevando, assim, seu crescente papel como teoria pedagógica que reproduz o movimento do bom ensino no âmbito da práxis transformadora.

Palavras-chave: Materialismo histórico-dialético, Atividade Orientadora de Ensino, Mediação, Ensino e aprendizagem, Formação de conceitos.

INTRODUÇÃO

A atividade pedagógica – comumente apresentada pela academia através de expressões como prática educativa, prática docente ou prática pedagógica (Zabala, 1998; Franco, 2012; Bandeira; Ibiapina, 2014) – tem sido tensionada por múltiplas contradições advindas da fragmentação do conhecimento, da instrumentalização do ensino e do esvaziamento da função formativa da escola na atualidade. Diante desse cenário, emerge a necessidade de se colocar em debate o sentido ontológico da educação escolar como mediação fundamental no desenvolvimento humano. Nessa direção, a atividade pedagógica se posiciona como atividade produtora da vida e mediadora do processo de humanização, perspectiva que adotamos neste estudo por validar, de modo particular, a mediação entre o conhecimento universal do gênero humano e o conhecimento singular dos sujeitos (Araújo; Moraes, 2017).

Ao considerarmos, particularmente, essa perspectiva, torna-se necessário compreendermos o papel da Atividade Orientadora de Ensino (AOE)³ na constituição da consciência humana. Em outros dizeres, entender seu papel não apenas como um instrumento teórico-metodológico capaz de ressignificar o lugar do ensino na escola, mas também como uma mediação formadora entre o conhecimento historicamente produzido e o desenvolvimento do psiquismo humano. Portanto, compreender o alcance de seu duplo papel mediador: o onto-reflexivo.

Nessa direção, é preciso esclarecermos que a mediação, enquanto categoria fundante da dialética marxista, expressa a unidade entre os elementos que constituem a realidade concreta em movimento. Trata-se de uma determinação ontológica do humano genérico e, ao mesmo tempo, de um construto lógico que permite à razão apreender os nexos internos dos fenômenos (Pontes, 1997). Assim, a mediação não é apenas

3 Com gênese em Moura (2000, 2004) a AOE é a unidade da atividade pedagógica; um modo de organização da atividade de ensino do professor e da atividade de aprendizagem do aluno para que a escola cumpra a sua função social.

uma abstração do pensamento, mas estrutura a própria existência social, articulando-se à totalidade e à contradição como a chave que revela os vínculos profundos que conferem sentido e historicidade aos fenômenos da vida social.

Nesse sentido, a mediação ocupa um lugar central na articulação entre as dimensões singular, particular e universal, como expressão concreta da relação entre os sujeitos e a totalidade social, condensando determinações universais em formas singulares de manifestação desses processos. Assim, o reducionismo dessas dimensões compromete a apreensão da realidade em sua complexidade e historicidade. Por isso, compreender a mediação implica ultrapassar aparências imediatas, desvelar os conflitos internos dos objetos e evidenciar seu movimento real. Portanto, implica em se abrir caminhos à totalidade concreta como unidade de contrários.

Se, conforme esses argumentos, a mediação expressa a síntese dinâmica entre elementos aparentemente antagônicos, articulando o singular ao universal por meio do particular, torna-se imprescindível analisar a AOE não como uma instância isolada da atividade pedagógica, mas como expressão e instrumento de sua mediação dialética. Significa dizer que a AOE deve ser compreendida como momento constitutivo da atividade pedagógica, operado, simultaneamente, como expressão concreta das singularidades do contexto educativo e como realização, em ato, das determinações históricas e sociais mais amplas que conformam a educação como prática social.

METODOLOGIA

Nesta linha de raciocínio, a AOE foi significada como unidade da atividade pedagógica à luz das categorias marxistas mediação e singular-particular-universal. É neste marco que emerge a questão central deste artigo: como se processa a mediação onto-reflexiva entre a singularidade das vivências educativas, a particularidade das condições históricas e ins-

titucionais que as conformam e a universalidade dos processos formativos da consciência humana na sociedade capitalista?

Nesse contexto, o estudo se ancora no Materialismo Histórico-Dialético (MHD) como método de análise e articula a produção clássica e contemporânea da Teoria Histórico-Cultural (TH-C) e da Teoria da Atividade (Marx e Engels, 2002; Marx, 2010, 2011; Vigotski, 2003, 2007, 2009, 2017, 2021; Leontiev, 1978, 2017, 2021). Assim, a análise de natureza bibliográfica desenvolveu-se dialeticamente entre fundamentação e problematização, sustentando a tese de que a AOE se fundamenta em mediação onto-reflexiva da práxis transformadora, estruturando a atividade pedagógica como uma unidade dialética capaz de expressar a totalidade do processo formativo nas dimensões singular, particular e universal.

Nessa visão, apontamos como objetivo analisar a perspectiva onto-reflexiva da mediação da AOE, no âmbito da formação humana, que imerge na realidade para potencializar transformações, à luz dos fundamentos do MHD, TH-C e Teoria da Atividade. Apontamos sua centralidade na articulação entre ensino e aprendizagem no âmbito do desenvolvimento do psiquismo humano, notadamente no processo de formação de conceitos teórico-científicos.

A hipótese que defendemos é a de que, quando compreendida como mediadora onto-reflexiva, a AOE, além de estruturar a atividade pedagógica para constituição do humano genérico, articula dialeticamente o ensino e a aprendizagem para operar transformações dos motivos, formação da consciência crítica e historicidade dos sujeitos, reafirmado, assim, seu crescente papel como teoria pedagógica que reproduz o movimento do bom ensino no âmbito da práxis transformadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apontamos os resultados deste artigo como produto desta introdução e da discussão de mais quatro questões na sequência deste texto, quais sejam: 1) a atividade pedagógica como unidade dialética entre o

ensinar e o aprender; 2) o movimento singular-particular-universal como base ontológica da mediação onto-reflexiva; 3) a AOE como mediação onto-reflexiva na constituição do humano genérico e 4) a formação de conceitos teórico-científicos como expressão da mediação onto-reflexiva da AOE. Estas questões foram sintetizadas nas considerações finais como reflexões desenvolvidas sobre o processo, com destaque às implicações teórico-pedagógicas da AOE para a formação humana na contemporaneidade.

ATIVIDADE PEDAGÓGICA: UNIDADE DIALÉTICA DO MOVIMENTO DO ENSINAR E DO APRENDER

A concepção de atividade pedagógica defendida neste texto compreende esse processo como unidade dialética que articula os sujeitos do ato educativo em uma totalidade contraditória e historicamente determinada, expressa no desenvolvimento da atividade principal de sujeitos socialmente posicionados: do professor – cuja atividade principal é o ensino – e do estudante – cuja atividade principal é a aprendizagem. Trata-se de um processo essencialmente relacional e mediado, cuja unidade se concretiza na e pela AOE, responsável por organizar, orientar e regular a objetivação dos fins formativos. Ao fazê-lo, transforma simultaneamente os sujeitos e os objetos implicados na relação entre ensinar e aprender, constituindo-se como mediação fundamental do desenvolvimento humano (Leontiev, 1978/2021; Moura, 2004).

É importante esclarecermos aqui, que na perspectiva ontológica de formação do humano genérico, a atividade de ensino não é uma prática ou técnica de transmissão de conteúdos, mas um trabalho de mediação da realidade objetiva pelo pensamento, orientado à formação de capacidades superiores de apropriação do mundo através da práxis. Assim, a chave do ensino, enquanto par dialético da unidade da atividade pedagógica, reside na possibilidade de o professor, situado em sua atividade prática externa concreta, criar condições, a partir da realidade objetiva

dos alunos, para que estes entrem efetivamente em atividade de aprendizagem. Isso significa que o ensino se efetiva na medida em que promove o desenvolvimento das individualidades e, com isso, amplia as possibilidades da genericidade humana ao constituir-se como atividade que possibilita

[...] a reconstituição histórica da significação, isto é, do processo que reificou em linguagem a síntese das atividades humanas significativas nos processos interativos para soluções de problemas advindos do convívio entre os homens ao satisfazerem as suas necessidades (Moura; Sforini; Lopes, 2017, p. 74).

O professor, nesse contexto, é aquele que organiza situações pedagógicas que desafiam o aluno a ultrapassar o imediato, a operar com mediações conceituais, a formular generalizações, a compreender a lógica interna dos fenômenos. Isso exige que o ensino se converta em atividade intencional, sistematizada e formadora de motivos – função precisamente cumprida pela AOE. Assim, sua força reside em criar situações que expressem a lógica dialética plasmada no conteúdo como lógica do desenvolvimento: conteúdos escolares organizados como objetos de pensamento, acessíveis por meio de operações intelectuais orientadas por finalidades formativas. Nesse processo, a atividade principal do professor - o ensino - não é autossuficiente; ela só se realiza plenamente quando se converte em atividade de aprendizagem pelo aluno.

Por sua vez, a aprendizagem, enquanto atividade principal do aluno, não é um processo mecânico de absorção de conteúdos, mas a atividade de apropriação ativa dos modos sociais de agir e pensar. Conforme Vigotski (2017, 2021), é no interior da aprendizagem orientada pelo ensino que as funções mentais superiores se constituem e se desenvolvem. Desse modo, a mediação da AOE torna possível que o aluno transite do nível das experiências imediatas para formas superiores de abstração, síntese e teorização, formando conceitos teórico-científicos que, internalizados, se tornam ferramentas de pensamento.

Ao se considerar esses pontos, “[...] analisar o desenvolvimento do sujeito por meio da atividade principal é fundamental para compreender o papel da educação e da organização do ensino sobre a sua atividade e a formação da consciência” (Moura et al., 2016). Tal perspectiva permite situar a atividade pedagógica como elemento estruturante do desenvolvimento humano, especialmente articulada às condições objetivas e históricas em que se insere o sujeito em formação e, nessas condições pode tornar-se instrumento da formação humana. Desse modo a atividade principal é

[...] a atividade cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade da criança, em um certo estágio de seu desenvolvimento [...] caracterizada pelos três atributos seguintes: 1. Ela é a atividade em cuja forma surgem outros tipos de atividade e dentro da qual eles são diferenciados[...]; 2. A atividade principal é aquela na qual processos psíquicos particulares tomam forma ou são reorganizados. Os processos infantis de imaginação ativa, por exemplo, são inicialmente moldados no brinquedo e os processos de pensamento abstrato, nos estudos[...] 3. A atividade principal é aquela da qual dependem, de forma íntima, as principais mudanças psicológicas na personalidade infantil, observadas em um certo período de desenvolvimento[...] (Leontiev, 2017, p. 64-65)

Nessa visão, a atividade principal ocupa papel central no desenvolvimento do psiquismo em determinado estágio da vida humana, promovendo as transformações mais significativas na personalidade. Ela se distingue por três características fundamentais: é a forma a partir da qual outras atividades se originam e se diferenciam; nela se constituem ou reorganizam processos psíquicos específicos, como a imaginação no brincar ou o pensamento abstrato nos estudos; e é justamente dessa atividade que dependem, de modo decisivo, as principais mudanças psicológicas observáveis em cada fase do desenvolvimento.

A partir dessa compreensão, os estágios de desenvolvimento da psique não podem ser tomados como sequências fixas e universais. Embora guardem certa regularidade temporal e se vinculem aos conteúdos

específicos da atividade principal, Leontiev (2017) ressalta que tal ordenamento não é imutável. O essencial, segundo o autor, é compreender os mecanismos que articulam a atividade principal ao sistema de relações sociais existente e o lugar concreto que essa atividade ocupa nesse sistema. A questão central, portanto, reside na análise da transformação da atividade principal ao longo do desenvolvimento e dos estágios formativos a ela associados.

Como se evidenciou, apesar de certa periodicidade no desenvolvimento da psique, o conteúdo dos estágios não se ancora exclusivamente em cronologias, mas se determina pela concreticidade das condições materiais e das relações sociais historicamente constituídas. Assim, a atividade principal atua como núcleo organizador da formação humana, que não se desenvolve de modo linear, podendo sofrer interrupções diante das condições reais que o sujeito histórico precisa superar.

Em outros termos, a organicidade da unidade entre ensino e aprendizagem – imanente à atividade principal dos sujeitos do processo educativo – realiza-se pela mediação onto-reflexiva no interior dos estágios de desenvolvimento do aprendiz. Tal mediação implica a reconfiguração da atividade pedagógica como totalidade dinâmica e contraditória, constitutiva de cada nível de ensino. Por ser contraditório, esse processo deve unir, e não separar, os contrários, tornando-se, assim, um ensino formador, portador do novo, pois, nas palavras de Vigotski (2017, p. 114, grifo no original), “o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento”.

Entretanto, fica evidente que a apropriação do objeto de ensino é tensionada pela desigualdade social e, simultaneamente, apresenta-se como instrumento de sua superação, tornando possível a formação humana. Nesse contexto, a AOE, ao mediar essa contradição onto-reflexivamente, possibilita o salto do conhecimento empírico ao conhecimento teórico, do cotidiano à ciência, do imediato ao mediado.

Desse modo, ensino e aprendizagem configuram-se como duas formas indissociáveis de uma mesma atividade – a pedagógica – cuja unidade só se realiza mediante mediações adequadas. O professor, como sujeito

da atividade de ensino, atua sobre o conteúdo e a organização do trabalho pedagógico com o objetivo de promover o desenvolvimento do aluno. Este, por sua vez, ao apropriar-se ativa e conscientemente dos conteúdos, reconstrói em si a lógica do saber humano historicamente produzido, cuja objetividade se encontra universalizada na atividade. A AOE, nesse processo, atua como catalisadora do desenvolvimento, organizando o ensino como práxis formadora de sujeitos históricos e abrindo, assim, caminho para o “bom ensino”.

Portanto, a mediação da AOE estabelece um elo estrutural entre ensino e aprendizagem, entre professor e aluno, entre conhecimento e formação, revelando a atividade pedagógica como categoria ontológica da formação humana – e não como mero expediente escolar. Trata-se de reconhecer que o ensino, quando orientado por finalidades formativas e mediado por uma organização pedagógica intencional, é transformador e capaz de produzir não apenas aprendizagem, mas desenvolvimento – isto é, formação de sujeitos capazes de compreender, agir e transformar a realidade em que vivem.

Nessa direção, o papel mediador da AOE mantém sempre viva a unidade entre ensinar e aprender, objetivando, no processo educativo, a afirmação histórica do humano genérico no movimento dialético singular-particular-universal.

O MOVIMENTO DIALÉTICO SINGULAR – PARTICULAR – UNIVERSAL COMO PONTO DE PARTIDA DA MEDIAÇÃO ONTO-REFLEXIVA

Compreender a mediação como componente estrutural do humano genérico (Pontes, 1997) implica reconhecer que a AOE não pode ser reduzida a técnica ou estratégia didática. Embora sua dimensão lógico-reflexiva seja fundamental para organizar o planejamento, a intervenção e a avaliação pedagógica, esse instrumento também possui um caráter ontológico, pois expressa relações sociais historicamente produzidas e

mobiliza o movimento dialético entre singularidade, particularidade e universalidade.

Assim, a mediação na AOE articula condições objetivas (materiais, históricas) e subjetivas (cognitivas, racionais), possibilitando o desenvolvimento das máximas potencialidades formativas dos sujeitos. Ao assumir essa perspectiva onto-reflexiva, a AOE se configura como mediação da práxis pedagógica transformadora, orientada para a formação humana e para o “vir a ser” dos participantes em atividade de ensino e de estudo (Bernardes, 2012). Nesse sentido, sua função pedagógica e histórica se integra à constituição do humano genérico, tornando-a central na objetivação da atividade de ensino como prática social transformadora.

Nessa visão,

[...]a complexidade da práxis pedagógica evidencia a verdadeira dimensão da atividade de ensino, na qual estão implicados o conteúdo de aprendizagem, o sujeito que aprende, o professor que ensina e, sobretudo, a constituição de um modo geral de apropriação da cultura e do desenvolvimento do humano genérico (Moura *et al* (2016, p.108).

Significa, conforme defendido pelo autor, que o ensino nesse processo não se reduz a uma ação pontual, localizada ou particular, mas é parte de uma atividade essencialmente humana, histórica e social, que está ligada à forma como o ser humano se apropria da cultura e desenvolve sua humanidade genérica. Nessa direção, a AOE assume potencial estruturante do próprio processo de humanização, que articula a cultura (conteúdo), o sujeito (aluno), a relação social (ensino) que ensejam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (Vigotski e Leontiev).

Essa mediação, portanto, transcende a particularidade da práxis pedagógica ao revelar seu enraizamento nas condições históricas e ontológicas da existência humana. Dito de outro modo, expressa e organiza em sua imanência o movimento singular-particular-universal, não sendo, portanto, enquanto unidade da atividade pedagógica, exterior a esse movimento fundamental da dialética marxista.

Importa esclarecermos aqui, que embora a categoria singular-particular-universal tenha sido sistematizada por Lukács, ela se fundamenta na crítica marxiana ao idealismo hegeliano – que subordina o novo aos princípios do velho, em vez de compreendê-lo como superação dialética. Conforme destaca Lukács (2018), nesse processo Marx pôde apreender, no interior das relações de produção capitalistas, a constituição contraditória entre o indivíduo e a sociedade. Nessa perspectiva, o trabalho particular do indivíduo é subsumido pela divisão social do trabalho, conformando uma totalidade social complexa, historicamente determinada e carregada de contradições.

Desse modo, o filósofo húngaro desenvolve o movimento singular-particular-universal como estrutura ontológica que fundamenta a constituição do humano genérico concreto. Esse movimento não se reduz a uma classificação lógica, mas expressa a totalidade dialética da vida humana, em que o singular representa o sujeito histórico que atua no mundo por meio de atividades mediadas; o particular corresponde às formas sociais objetivadas – como a escola, a linguagem, a cultura e as ideologias – que condicionam e orientam essas ações e o universal refere-se ao humano genérico enquanto totalidade histórica, como horizonte objetivo e possibilidade coletiva da humanidade. Para Lukács (2018), é essa dinâmica entre níveis que estrutura a práxis como atividade contraditória, processual e determinada pelas condições concretas da existência, sendo, portanto, constitutiva da essência humana.

Como visto, Lukács apenas sintetizou o movimento dialético que Marx definira em sua concepção do humano genérico, especialmente na centralidade do trabalho como mediação ontológica de sua relação metabólica com a natureza. O filósofo alemão sempre deixou evidente que a atividade humana deve ser compreendida como prática social historicamente situada, atravessada por formas particulares – como a mercadoria, o valor, o capital, o Estado, etc. – que medeiam e, por vezes, alienam a relação entre o indivíduo singular e a universalidade humana.

Nesse sentido, argumentos como o contido na célebre Tese VI sobre Feuerbach reforçam o posicionamento de que a essência humana é constituída pelo conjunto das relações sociais (Marx; Engels, 2002). Tal tese sintetiza a compreensão de que a transformação do homem se realiza na e pela práxis social, iniciando-se na singularidade e alcançando a universalidade histórica por meio de determinações particulares concretas. Posteriormente, ao analisar as relações de exploração que estruturam a sociedade capitalista, Marx (2010) amadurece essa concepção ao apontar a possibilidade histórica de superação das condições opressoras impostas pelo capitalismo. Essa possibilidade reside na práxis transformadora, sobretudo quando os sujeitos se apropriam criticamente da totalidade social, em movimento coletivo de emancipação humana.

Em outros dizeres, a contradição entre forças produtivas e relações de produção constitui o motor do desenvolvimento histórico. O trabalhador, ao produzir sob condições alienadas, também acumula formas de consciência que podem levá-lo à crítica dessas mesmas condições. Desse modo, a própria atividade humana fundante – o trabalho – contém, em sua essência, tanto a alienação quanto a possibilidade de emancipação, desde que se transforme conscientemente a forma social que a organiza (Antunes, 2018).

De acordo com Pasqualini e Martins (2015), a contribuição lukacsiana permite entendermos na perspectiva marxista, os fenômenos relacionados aos processos de desenvolvimento das funções mentais superiores, ou qualquer outro fenômeno que requeira a concepção do humano como humano genérico no âmbito da singularidade, particularidade e da universalidade. Significa dizer: na dimensão universal, decorrente da própria genericidade; singular, da condição de ser único e, particular, que representa a mediação da vida em sociedade. Desta forma, singular e universal se articulam reciprocamente e coexistem no fenômeno como

[...] os polos opostos da unidade dialética que dão vida ao fenômeno. Existe entre singular e universal uma tensão dialética[...]. Em sua particularidade, o fenômeno assume as especificidades pelas quais a singularidade se constitui em dada realidade,

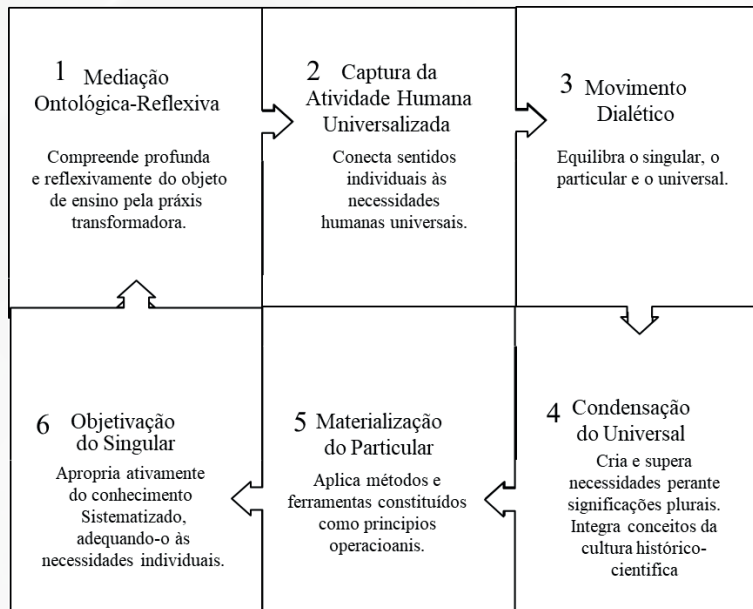
sob determinadas condições, de modo específico – porém, não completo, não universal (Pasqualini; Martins, 2015, p. 365).

Com base nessa explicação dada pelas autoras, podemos argumentar que o homem concreto só existe mediante a relação dialética singular-particular-universal. Fora dela ele se torna uma abstração. Seja na dimensão universal, seja na dimensão singular. A consequência disso, é que a singularidade ou a universalidade, em si, não bastam como totalidade do fenômeno, se analisadas separadamente, pois somente se tomam reais, concretas, pela mediação da particularidade. Assim, tanto o homem singular, único entre todos os outros homens com os quais se assemelha ou o homem como ser genérico, identificado com a sociedade e a própria natureza, constituem uma unidade indissociável. Ele vive como ser de carne e osso e como reflexo de si mesmo, enquanto construção singular do intelecto.

Nessa direção, a AOE, ao ser compreendida como mediação onto-reflexiva do processo formativo, manifesta e realiza a totalidade da atividade pedagógica. Implica que possibilita a significação da atividade humana universalizada no objeto de ensino que constitui o humano genérico perante suas necessidades. Assim, expressa em sua estrutura interna o próprio movimento dialético entre o singular, o particular e o universal. Na Figura 1 ilustramos como enxergamos esse movimento da dialética marxista na imanência da AOE.

Em outras palavras, essa mediação – organizada e intencional da atividade pedagógica – se condensa no universal nos conceitos e conhecimentos teóricos historicamente produzidos; na materialização do particular por meio das tarefas, métodos e instrumentos didáticos que configuram a operacionalidade do processo e, finalmente, realiza-se no singular à medida que se torna a atividade do sujeito concreto que possibilita apropriação ativa do conhecimento e formação do pensamento teórico.

Figura 1- Ciclo da expressão dialética singular-particular-universal na imanência da AOE



Fonte: organizada pelo pelos autores.

Este ciclo, portanto, constitui ontologicamente o humano genérico (Marx, 2010, 2011; Lukács, 2009, 2018). Expressa, portanto, a criação de novas necessidades historicamente situadas que se constituem mediante a multiplicidade de significações produzidas nas relações entre os homens e entre os homens e os objetos de suas relações. Tais significações não são arbitrárias, mas, como defende Leontiev (1978), resultam da inserção ativa dos sujeitos em atividades práticas orientadas por diferentes campos da cultura, sobretudo pela cultura histórico-científica. Nesse processo, a apropriação de conceitos – enquanto formas socialmente consolidadas do conhecimento – não ocorre de forma abstrata, mas se vincula às necessidades concretas da existência humana em sociedade. Assim, o movimento do singular ao universal não se dá pela simples generalização formal, mas pela objetivação de experiências que, mediadas pela linguagem e pela atividade, integram os sujeitos a uma totalidade viva, contraditória e transformável.

Feitas essas considerações, conclui-se inicialmente que, ao compreender a mediação da AOE apenas em uma de suas dimensões – seja em sua particularidade lógico-racional, intencionalmente orientada pelo professor para desenvolver o objeto de ensino, seja em sua dimensão ontológica, que reconhece a atividade universalizada presente no objeto – incorre-se no risco de não a reconhecer como eixo estruturante da formação humana na atividade pedagógica. Em outras palavras, corre-se o risco de esvaziá-la de sua natureza dialética. Portanto, aprofundaremos a compreensão desse duplo papel onto-reflexivo da mediação na AOE, concebida como unidade da atividade pedagógica responsável pela formação do humano genérico em suas máximas potencialidades.

A AOE COMO MEDIAÇÃO ONTO-REFLEXIVA NA FORMAÇÃO DO HUMANO GENÉRICO

Ao ser compreendida como mediação ontológica do humano genérico, a AOE se inscreve no movimento histórico de objetivação da prática humana, operando como forma particular de trabalho pedagógico voltado à formação dos sujeitos na e pela relação social. Nesse sentido, ela não apenas expressa a inserção dos indivíduos na totalidade das relações sociais, mas também constitui um espaço de transformação dessas relações, uma vez que articula o singular, o particular e o universal no processo educativo. De acordo com Marx e Engels (2002), é pela atividade prática e pela mediação do trabalho que o homem transforma a natureza e, ao fazê-lo, transforma a si mesmo. A categoria de mediação, nesse contexto, não é um simples instrumento externo, mas expressão da própria constituição ontológica da vida social. O ser humano só se realiza como tal na medida em que se insere em relações sociais historicamente determinadas, pelas quais sua consciência se forma e se objetiva.

A AOE, nesse sentido, não é uma técnica didática, mas uma forma historicamente construída de mediação entre o indivíduo e o saber socialmente elaborado. Como unidade da atividade pedagógica, ela ocupa

lugar central na reprodução e na transformação das formas culturais, sendo, por isso, mediação constitutiva da ontogênese humana. É no processo pedagógico orientado intencionalmente que o indivíduo tem acesso à cultura objetiva da humanidade – à linguagem, à ciência, à arte, ao pensamento teórico – e, por meio dela, pode se apropriar das formas superiores do psiquismo. Nesse sentido, de acordo com Leontiev (1978), o ser humano não possui, por natureza, as funções psíquicas que o definem como humano genérico; estas lhe são historicamente legadas por meio de atividades mediadas que se universalizam no objeto.

Nesse marco, a AOE expressa a mediação que une a totalidade objetiva da cultura às necessidades formativas dos indivíduos em processo de humanização. Ela possibilita a passagem do simples viver biológico ao viver social e consciente, o que significa dizer que ela medeia o processo pelo qual o indivíduo se constitui como sujeito histórico. A ontologia marxista (Lukács, 2009, 2018), ao compreender o ser como práxis socialmente determinada, permite ver no ensino não apenas a transmissão de conteúdos, mas uma forma de trabalho pedagógico capaz de colocar o aluno em contato com as condições objetivas para sua elevação à condição de sujeito.

O conteúdo da AOE é, portanto, inseparável de sua forma: ela não se reduz à exposição de informações, mas organiza situações de aprendizagem em que o estudante se engaja ativamente com os objetos do saber. É por meio dessas situações que se opera a mediação ontológica entre o singular e o universal, entre a experiência vivida e o conhecimento sistematizado, entre a atividade cotidiana e a atividade educativa. O professor, ao organizar a atividade de ensino segundo os princípios da AOE, cria condições objetivas para que o aluno participe da vida cultural da humanidade – não de forma passiva, mas por meio de uma atividade orientada que o inscreve, enquanto sujeito em formação, no processo histórico da produção do conhecimento.

Portanto, a mediação da AOE, nessa perspectiva ontológica, refere-se ao modo como o ensino cria vínculos entre o ser individual e o ser

genérico, ao inserir o estudante em práticas sociais que o transcendem e, ao mesmo tempo, o constituem. Por isso, é fundamental compreender que o ensino não é uma instância neutra: ele é, enquanto prática social, é profundamente determinado pelas relações sociais de produção e, simultaneamente, portador de uma potência transformadora, na medida em que pode criar condições para a formação de uma consciência crítica e emancipadora (Marx, 2010,2011).

Nesse duplo movimento – ontológico e reflexivo –, a AOE revela seu potencial formativo ao articular a práxis pedagógica à constituição do sujeito histórico, consciente e coletivo. Desse modo, simultaneamente, a AOE atua como mediação reflexiva da racionalidade humana, pois promove a apropriação consciente e crítica de conceitos teórico-científicos, reorganizando o pensamento a partir de operações mentais superiores, historicamente desenvolvidas. Ao integrar necessidade, motivo, ação e objeto em uma estrutura orientada pela finalidade educativa, a AOE materializa a atividade pedagógica como espaço privilegiado da elevação da consciência – uma racionalidade não formal, mas histórica, prática e emancipadora. Com isso, ao mediar o processo formativo, não se limita a operar sobre conteúdos ou técnicas, mas atua como expressão do desenvolvimento da racionalidade especificamente humana, compreendida enquanto capacidade de refletir, objetivar e transformar a realidade. Nesse sentido, a AOE não apenas reflete a mediação ontológica da condição humana – como já discutido –, mas também opera como mediação reflexiva, isto é, como instrumento e condição do desenvolvimento do pensamento teórico, da linguagem conceitual e da consciência de si e do mundo.

Segundo Vigotski (2021), as funções psicológicas superiores – tais como o pensamento abstrato, a linguagem interiorizada, a atenção voluntária e a memória lógica – não emergem espontaneamente, mas se desenvolvem por meio da internalização de signos e instrumentos culturais, em contextos sociais mediados. O processo de ensino, ao ser intencionalmente planejado segundo os princípios da AOE, cria as condições para que essa

mediação simbólica se realize de forma orientada e consciente. A racionalidade, portanto, não é uma faculdade inata, mas um produto histórico e social – e a atividade de ensino, sua via de desenvolvimento.

Leontiev (1978) aprofunda essa concepção ao afirmar que a atividade humana é sempre mediada por motivos sociais e orientada por objetos culturalmente determinados. A racionalidade emerge no movimento da atividade prática objetivada, sendo a ação pedagógica um tipo específico de atividade cujo objeto é a formação do outro. Nesse processo, o professor, ao organizar intencionalmente a ação de ensino, atua como mediador do processo reflexivo que conduz o aluno da experiência concreta e sincrética ao pensamento conceitual e teórico. Trata-se, como destaca Vigotski (2009), de uma ascensão do empírico ao teórico, do cotidiano ao científico, do imediato ao mediado.

A AOE, enquanto mediação reflexiva, organiza e conduz esse processo. Ela é o elo entre o mundo objetivo do saber acumulado historicamente (ciência, arte, linguagem, cultura) e o mundo subjetivo do aluno em formação. Seu papel é criar situações em que o aluno seja desafiado a refletir sobre sua própria atividade, sobre os objetos do conhecimento e sobre as relações que os constituem. Essa reflexão é, ela mesma, mediada: pelo professor, pelos instrumentos didáticos, pela linguagem e pelos signos culturais historicamente produzidos.

Nesse sentido, a AOE não atua apenas sobre o que o aluno sabe, mas transforma o próprio modo de pensar do sujeito, criando condições para o desenvolvimento da consciência reflexiva –aquela capaz de operar com conceitos, estabelecer relações causais e pensar a realidade em sua totalidade e historicidade. O ensino, assim concebido, deixa de ser uma prática de repetição ou memorização e se converte numa prática de formação da subjetividade, da autonomia intelectual e da racionalidade crítica.

Essa perspectiva reconstrói o próprio sentido da educação escolar: não como adestramento de habilidades, mas como prática formativa que possibilita ao sujeito apropriar-se das formas superiores da atividade humana – atividade orientada, consciente, cooperativa e racional que

pode humanizar por estar universalizada no objeto. A AOE, nesse processo, é o fio condutor da constituição do sujeito como ser histórico capaz de compreender, intervir e transformar a realidade.

A FORMAÇÃO DE CONCEITOS TEÓRICO- CIENTÍFICOS COMO EXPRESSÃO DA MEDIAÇÃO ONTO-REFLEXIVA DA AOE

Na perspectiva marxiana o conhecimento é produzido no movimento ontológico de elevação do abstrato ao concreto. “O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. (...) O método de ascensão do abstrato ao concreto é apenas a maneira pela qual o pensamento se apropria do concreto” (Marx, 2011, p. 54-55) Certamente esse princípio filosófico marxiano instrumentalizou a lei científica da psicologia concreta de que “todas as funções no desenvolvimento cultural da criança aparecem em dois estágios, em dois planos, primeiro o social e depois o psicológico; primeiro entre as pessoas como uma *categoria interpsicológica*, e depois interna à criança, como uma *categoria interpsicológica* [...]” (Vigotski, 2021, p. 200, grifos no original). Esta é lei genética geral do desenvolvimento cultural apresentada pelo psicólogo bielorusso que explica a formação das funções mentais superiores, como a consciência, memória, percepção, atenção voluntária, linguagem, o pensamento, outras, e principalmente a formação de conceitos.

Importante destacarmos que a formação de conceitos é o ponto de partida para a humanização pois permite a aquisição das formas culturais mais evoluídas. Esse é um longo caminho que foi percorrido – da hominização à humanização – em direção ao desenvolvimento do psiquismo. Segundo Leontiev (1968), esse processo exigiu superação de leis biológicas que explicava estágios anteriores da evolução animal e a consolidação de leis sócio-históricas, próprias do ser humano enquanto sujeito do trabalho e da cultura. Assim, o psiquismo humano se desenvolve na medida em que o sujeito se apropria ativamente dos modos sociais de ação inte-

lectual – o que só ocorre em contextos de ensino orientado. Nessa linha de raciocínio, a aprendizagem humana se condiciona à apropriação do conceito através da utilização de instrumentos que promovam a mediação intencional de ações de ensino para desenvolver as máximas potencialidades do aluno.

Isso posto, a formação e desenvolvimento de conceitos teóricos-científicos constitui o próprio “conteúdo do ensino escolar [...] produto direto de sua reflexão geral sobre a aprendizagem mediatizada, concebida como determinante essencial do desenvolvimento humano” (Karpov, 2019, p. 3). Desse modo, os conhecimentos científicos por receberem tratamento da ciência na organização dos nexos que unem o lógico-histórico do conceito em formação, superam os conhecimentos espontâneos que resultam de generalizações e experiências cotidianas que não tiveram crivo do método científico, portanto, através do ensino sistematizado e intencional (Vigotski, 2009).

Diante disso, é importante frisarmos que. “[...] a formação de conceito ou aquisição de sentido através da palavra é o resultado de uma atividade intensa e complexa (operação com a palavra ou signo), da qual todas as funções intelectuais básicas participam em uma combinação original” (Vigotski, 2009, p.158). Nessa perspectiva a característica recorrente de um conceito científico é a sua efemeridade. Implica dizer que os conceitos científicos não são eternos; estão em constante movimento enquanto reflexo da experiência social e produto da atividade mental do indivíduo. Já a palavra por refletir a linguagem universalizada no objeto, não muda. Por isso, o conceito nunca está pronto e por não está pronto, acabado, se adapta à historicidade do objeto em determinado momento histórico.

Nesse sentido, ganha relevo a compreensão de que a formação dos conceitos teórico-científicos se constituiu expressão da dimensão ontológica da mediação da AOE que ao incidir sobre a atividade pedagógica, opera diretamente no plano do desenvolvimento psíquico humano, assumindo um papel central na constituição das funções mentais superiores.

Essa relação entre ensino e desenvolvimento não é exterior ao sujeito, mas constitutiva da própria formação da consciência, da linguagem e da razão, tal como compreendida pela psicologia concreta. Nesse sentido, a AOE não apenas orienta o processo de ensino, mas produz transformações qualitativas no psiquismo, sendo condição ontológica e histórico-social do pensar humano.

De acordo com Vigotski (2021), a base do psiquismo humano é a internalização de relações sociais. Toda função psíquica superior aparece inicialmente como forma de relação interpsicológica (entre sujeitos) para, posteriormente, tornar-se intrapsicológica (no interior do sujeito). Esse movimento só se realiza plenamente em contextos de ensino orientado, nos quais os instrumentos culturais (especialmente a linguagem) são mobilizados para mediar a apropriação ativa do conhecimento. A AOE, nesse processo, organiza o espaço-tempo pedagógico de modo a propiciar essas mediações, convertendo a atividade de aprendizagem em motor do desenvolvimento das capacidades superiores de pensamento, memória, atenção, imaginação e linguagem.

Essa perspectiva é aprofundada por Leontiev (1978), ao enfatizar que o psiquismo é uma forma especificamente humana de relação com o mundo, resultante da inserção do sujeito em atividades historicamente constituídas. O desenvolvimento das funções superiores está diretamente ligado à participação ativa do indivíduo em atividades orientadas por motivos e objetos socialmente relevantes, como é o caso do ensino. Assim, a AOE é o dispositivo que permite ao professor criar condições objetivas para que o aluno internalize os modos sociais de ação intelectual, ao operar com objetos conceituais e ao resolver problemas com base em categorias lógicas e generalizações teóricas.

Essa apropriação de conteúdos conceituais – processo fundamental na formação da consciência e da identidade humana – não é espontânea, nem linear. Ela exige a mediação pedagógica intencional, sistemática e historicamente organizada, condição mesma da formação de conceitos científicos, nos termos de Vigotski. O conceito, nesse referencial, não é

uma abstração formal, mas um modo superior de relação com a realidade, que permite ao sujeito operar cognitivamente com nexos causais, estruturas lógico-históricas e categorias fundamentais do pensamento. O ensino, nesse sentido, deixa de ser apenas um transmissor de saberes e se torna atividade formadora de conceitos e transformadora da realidade – o que só é possível mediante uma atividade organizada, orientada e planejada. Desse modo, o ensino deve partir das experiências concretas dos alunos e das situações vividas no cotidiano (nível empírico); ser conduzido sistematicamente ao nível do pensamento teórico (abstração), com base na mediação da linguagem, da análise e da problematização. Isso significa que a formação de conceitos não se reduz à memorização de definições, mas constitui uma forma nova de relação com o mundo, que transforma simultaneamente o objeto conhecido e o sujeito que conhece.

Nesse processo, a AOE realiza a unidade dialética entre ensino e desenvolvimento, entre mundo objetivo e subjetividade, entre atividade social e constituição do psiquismo. Ela é, ao mesmo tempo, forma, conteúdo e condição do desenvolvimento humano em sua dimensão mediadora mais elevada, a ontologia-reflexiva na interface da atividade de ensino do professor e atividade de aprendizagem dos alunos, enquanto atividades principais desses sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, defendemos que a AOE, compreendida nos marcos do MHD/TH-C/Teoria da Atividade, constitui uma mediação ontológica - reflexiva fundamental no interior da atividade pedagógica, ao estabelecer a unidade contraditória e dialética entre ensino e aprendizagem – atividades principais, respectivamente, do professor e do aluno. A AOE não é uma técnica pedagógica ou um método didático, mas expressão da própria condição histórica, social e intencional do processo formativo do humano.

Do ponto de vista ontológico, a AOE fundamenta-se na compreensão do humano genérico como resultado da práxis, da atividade material historicamente mediada. Essa mediação pedagógica expressa, portanto, a própria possibilidade da formação humana: ao organizar o conteúdo escolar como objeto de pensamento e ao estruturar situações que possibilitam a apropriação ativa de conceitos, a AOE viabiliza o trânsito da experiência empírica à racionalidade teórica, das operações elementares às funções mentais superiores. Nesse sentido, ela realiza, no plano da educação formal, a mediação entre o desenvolvimento filogenético da cultura e o desenvolvimento ontogenético do indivíduo – elo vital entre a história objetiva e a formação subjetiva.

Na perspectiva reflexiva, por sua vez, a AOE atua como instrumento da racionalidade humana, ao estruturar ações de ensino que possibilitam ao aluno não apenas aprender conteúdos, mas reconstruir conceitualmente o mundo. O ensino, organizado como atividade mediada, intencional e consciente, propicia ao aluno uma forma superior de relação com o conhecimento: não a repetição do já dado, mas a compreensão crítica das relações internas dos fenômenos visando sua transforro pela união dos contrários. Isso implica reconhecer o conteúdo escolar não como fim em si mesmo, mas como meio para o desenvolvimento do psiquismo e da consciência.

No interior da atividade pedagógica, essa mediação revela-se essencial para que o ensino cumpra seu papel formativo: organizar as condições objetivas e subjetivas da aprendizagem como atividade. Assim, o professor, como sujeito da atividade de ensino, não apenas transmite conhecimentos sistematizados, curriculares, mas estrutura o espaço e o tempo escolares como campo de formação humana. E o aluno, ao se engajar ativamente nessa dinâmica, apropria-se de modos de agir e pensar historicamente desenvolvidos, ascendendo a formas superiores de consciência e autonomia.

A centralidade da AOE, portanto, reside em seu duplo papel: ontológico, por mediar a inserção do sujeito na cultura e no mundo humano

genérico; e reflexivo, por permitir o desenvolvimento das funções psíquicas superiores e da consciência crítica. Ao articular ensino e aprendizagem como polos de uma mesma totalidade, a AOE inscreve-se como categoria estruturante da prática educativa transformadora, assumindo papel decisivo na luta pela superação da alienação e na constituição de sujeitos históricos.

Ao considerarmos esses pontos, o artigo responde à problemática central levantada ao demonstrar que a AOE, fundamentada na tradição marxista, constitui-se como uma mediação ontológica entre o singular das experiências educativas concretas, o particular das condições históricas e institucionais que as configuram e o universal dos processos formativos da consciência humana. Ao ser vivida e ressignificada pelos professores em sua práxis, a AOE revela-se, portanto, como unidade orgânica da atividade pedagógica, articulando a objetivação dos conteúdos escolares com a subjetivação dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Em outros dizeres, em tempos de crescente tecnificação e esvaziamento da função formativa da escola, retomar o sentido ontológico da atividade pedagógica e o papel da AOE sintetizado na mediação histórico-ontológica; ou cultural e intelectual-reflexiva, enxergamos um horizonte para confirmarmos a hipótese de que, quando compreendida como mediadora ontológica-reflexiva, a AOE, além de estruturar a atividade pedagógica para constituição do humano genérico, articula dialeticamente o ensino e a aprendizagem para operar transformação dos motivos, formação da consciência crítica e da historicidade dos sujeitos, reafirmado, assim, seu crescente papel como teoria pedagógica que reproduz o movimento do bom ensino no âmbito da práxis transformadora.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **A escola do trabalho.** formação humana em Marx. Campinas: Papel Social, 2018.

ARAUJO, E.S; MORAIS, S. P. G. Dos princípios da pesquisa em educação como atividade. In: MOURA, M. O. (org.). **Educação escolar e pesquisa na teoria histórico-cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

BANDEIRA, H. M. M.; IBIAPINA, I. M.L. M. Prática educativa: entre o essencialismo e a práxis. Revista da FAEEDBA - **Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 42, p. 107-117, 2014. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/1031>. Acesso em: 8 set. 2025.

BERNARDES, M. E. M. **Mediações simbólicas na atividade pedagógica**: contribuições da teoria histórico-cultural para o ensino-aprendizagem. -Curitiba, PR: CRV, 2012

FRANCO, M. A.R. S. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

KARPOV, Y.V. Vygotski e os conceitos científicos: implicações para a educação contemporânea. Tradução de Yves Bonin. Obutchénie: **Revista de Didática e Psicologia Pedagógica. Uberlândia**, MG, v.3, n.2. p. 1-25 / maio. /ago. 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/51565>> Acesso em 22 set. de 2025.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Trad. Maria da Pena Villalobos. 16. ed. São Paulo: Ícone, 2017. p. 59-83.

LEONTIEV, A. N. **Atividade, Consciência e Personalidade**. Tradução de Priscila Marques. Bauru, SP: Mireveja, 2021.

LUKÁCS, G. **As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem**. Disponível em: [5](#).

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do humano genérico**. Tradução Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer, Nélio Schneider. - 2ed. - São Paulo: Boitempo, 2018

MOURA, M. O. de. O Educador Matemático na Coletividade de Formação: uma experiência com a escola pública. 2000. 131 f. Tese (Livre-Docência em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MOURA, M. O. Pesquisa colaborativa. In: **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. BARBOSA, R.L.L.(Org.). – São Paulo: Editora, UNESP, 2004.

MOURA, M. O. (org.) **A atividade pedagógica na teoria histórico cultural**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2016.

MOURA, M. O.; SFORNI, M. S. de F.; LOPES, A. R. L. V. A objetivação do ensino e o desenvolvimento do modo geral da aprendizagem da atividade pedagógica. In: MOURA, M. O. (Org.). **Educação escolar e pesquisa na teoria histórico-cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri- [4ª reimp.]. Coleção Marx-Engels. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858; esboço da crítica à economia política. Tradução Mario Dayer, Nélio Schneider) colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). – São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: teses sobre feuerbach. São Paulo: Centauro, 2002.

PASQUALINI, J. C.; MARTINS, L. M. Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. **Psicologia & Sociedade**, 27(2), p.362-371, ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/WFbvK78sX75wDNqbcZHqcPj/abstract/?lang=pt>. Acesso em 18 out. 2025.

PONTES, R. N. **Mediação e serviço social**: um estudo preliminar sobre a categoria teórica e sua apropriação pelo serviço social. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1997.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. Edição comentada por Guilherme Blanck. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** Tradução José Cipola Neto, Luiz Silveira, Menna Barreto, Solange Castro Afeche. - 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A Construção do pensamento e da linguagem.** Tradução Paulo Bezerra. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** Trad. Maria da Pena Villalobos. 16. ed. São Paulo: Ícone, 2017. p. 103-117.

VIGOTSKI, L. S. **História do desenvolvimento das funções mentais superiores.** Tradução Solange Castro Afeche. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2021.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.